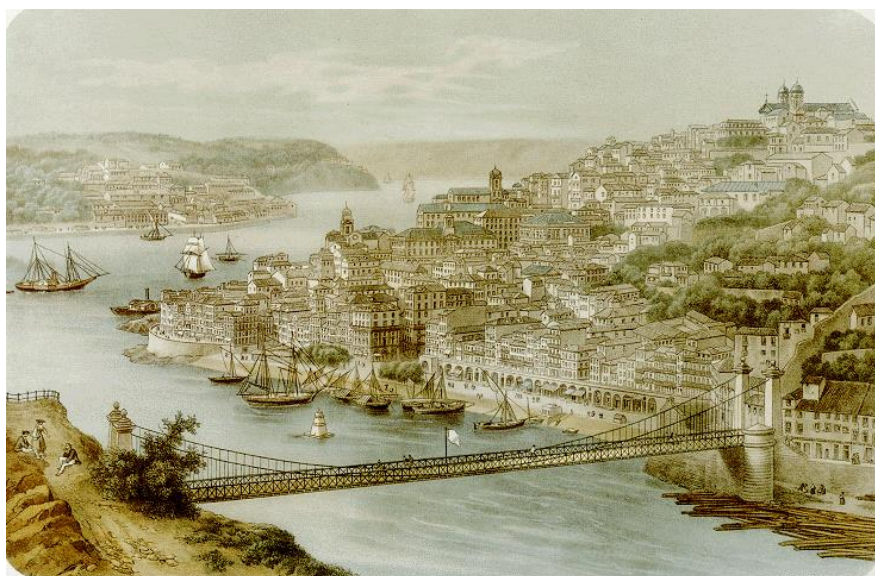


“Ponte Suspensa”, livro de poesias de Paulo Ferreira da Cunha

(Paulo Ferreira da Cunha: “Ponte Suspensa”. João Pessoa: Editora Portas, 2021)

Jean Lauand¹



DEROY, Isidore, 1797-1886 Vue de Porto = Vista do Porto / dessiné et lithog. par Deroy.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:View_of_Porto_-_suspension_bridge.gif

Imponente reconhecimento internacional de um pensador

Em 2020, o Doutor João Relvão Caetano e eu tivemos a iniciativa de organizar o livro “Pensar, ensinar e fazer justiça – estudos em homenagem a Paulo Ferreira da Cunha” (disp. em: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/KapenkePFC.pdf>), atendendo a pedidos de muitos amigos e discípulos – de Portugal, do Brasil e de diversos outros países – que queriam expressar sua gratidão a esse grande pensador e mestre e, além disso, contribuir para um mosaico que permitisse compreender melhor a profundidade de sua tão rica e variada obra, como jurista, filósofo, educador e artista. Além, é claro, da cálida figura humana, do amigo sempre transbordante de generosidade.

Essa publicação, imediatamente, mostrou-se insuficiente e tivemos que organizar um segundo volume, este com cerca de cinquenta outros autores que

¹. Professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Presidente do Cemoroc: Centro de Estudos Medievais Oriente-Occidente da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo.

quiseram se juntar a essas homenagens. (disponível em: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/LivroPFC2.pdf>)

Sempre atendendo a demandas de amigos e discípulos, dedicamos as três edições de 2021 da revista do Cemoroc “International Studies on Law and Education” a mais estudos sobre a vida e a obra de Paulo Ferreira da Cunha (disponíveis em: <http://www.hottopos.com/isle37/index.htm> e <http://www.hottopos.com/isle39/index.htm>). E em 2022, mais um livro, “Cemoroc: Signatures” (disponível em: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/SignaturesLivroI.pdf>), homenageando quatro dos grandes autores (os outros são Alfonso López Quintás, Julián Marías e Josef Pieper) que tanto contribuíram para as publicações de nosso Centro de Estudos Medievais – Oriente e Ocidente da Universidade de São Paulo, neste ano completando seu 25º aniversário.

O número desses estudos (mais de 100) e sobretudo sua qualidade falam por si da importância de nosso homenageado como intelectual e humanista. E de nossa surpresa e gratidão pela amizade (desmedidamente generosa) de Paulo Ferreira da Cunha, que o levou a confiar-me este Prefácio.

A “Ponte Suspensa” e a educação do olhar

“Para que poetas em tempos de penúria?” é a célebre pergunta de Hölderlin, no poema “*Brot und Wein*”. Na realidade, não se trata de uma autêntica pergunta, mas da constatação de que a poesia será desvalorizada em épocas refratárias ao transcendente, de embotamento, de banalização do humano, de massificação e conformismo com a mediocridade: a autêntica penúria dos tempos. Penúria tanto maior por não se assumirem como tempos penuriosos...

Para quem quer que reconheça as carências espirituais de nosso tempo, “Ponte Suspensa” é obra oportuníssima. Nela, Paulo Ferreira da Cunha, um dos mais destacados juristas e filósofos contemporâneos, diagnostica enviesadas “certezas” de hoje, ao mesmo tempo que nos abre realistas perspectivas de superação, esperança e – por que não o dizer? – sabedoria.

Sabedoria que está longe de ser uma coleção de fórmulas ou receitas fechadas, mas um múltiplo questionamento de nosso embotamento-penúria, convidando-nos a olhar – de modo renovado e límpido – para o mundo (em tom de desabafo, em um dos versos deste livro, o autor pergunta precisamente: “O que vemos, ao que chamamos ver?”).

Precisamente esse declínio da capacidade de ver e a urgência de reaprender a ver é o título de um imensamente sugestivo ensaio de Josef Pieper, sobre a atrofia do espírito em nosso tempo (disponível em alemão e inglês em <http://www.hottopos.com/rih48/77-82PieperSeeing.pdf>).

Essa renovação do olhar não tem nada de fuga ou afastamento do real, muito pelo contrário. Na verdade, a poesia – e especialmente o poeta de Paulo Ferreira da Cunha – é uma educação do ver.

A poeta maior do Brasil, Adélia Prado, expressou isto em felicíssimos versos de seu poema “*De profundis*”²:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.

². Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 199.

(claro que para nós outros a situação é antes a inversa: “Algumas poucas vezes tenho uma iluminação poética e então olho pedra e vejo mais que pedra”).

A propósito, um detalhe anedótico. No final de 1993 (tempo em que havia uma saraivada de críticas ao então volante Dunga e a outros jogadores da seleção brasileira que iria para a Copa de 1994), eu tive o privilégio de entrevistar a poeta e quando lhe perguntei sobre o olhar embotado que vê a realidade como opaca, ela evocou esses versos e respondeu, com delicioso bom humor, que é preciso saber ver a realidade que é (ou tem que ser) “outra”:

É aquilo do meu verso “De vez em quando, Deus me tira a poesia e eu olho pedra e vejo pedra mesmo...”. Outro dia – eu achei fantástico! – um comentarista de futebol fez uma crônica e me citou – eu me senti tão importante... Ele, falando sobre a seleção brasileira, disse: “É como diz Adélia Prado: ‘Eu olho Dunga e vejo Dunga mesmo’” (risos). Eu achei legal, fez o maior sucesso lá em casa, todos gostaram... Vê-se que ele entendeu o poema.

Logo na poesia que dá título a toda a obra, “Ponte Suspensa”, Ferreira da Cunha insiste em nos convidar a olhar mais atentamente a ponte:

Passamos motorizados a voar
E não notamos que a ponte
Não tem tempo nem lugar:
É um ponto no horizonte.

E

Olha da pênsil ponte os dois pilares
(a do Porto, desmontada um dia):
Três portas de entrada, se os olhares,
Transcendem de longe a estreita via.

Não estás seguro numa ponte:
Olha que é uma barca de Caronte.

Na mística do Extremo Oriente, as coisas podem se complicar (e, paradoxalmente, ao mesmo tempo se simplificar), como no célebre antigo relato de experiência do sábio monge que antes de praticar o Zen contemplava uma montanha como se fosse uma montanha e um rio como se fosse um rio. Após anos de aperfeiçoamento interior, quando ele contemplava uma montanha, já não era uma montanha e, quando via um rio, não se tratava de um rio! Mas ao atingir a iluminação maior, passou a ver uma montanha simplesmente como uma montanha e um rio simplesmente como um rio.

Paulo Ferreira da Cunha é poeta inspiradíssimo mas não é um místico; instala-se antes no longo tirocínio do rigor científico (e do rigor filosófico, que é outra forma de rigor...). Sendo como que um resumo e manifesto de seu posicionamento, permitimo-nos reproduzir aqui esta poesia:

OSTINATO RIGORE

Não pode ser apenas nesciência
Não pode ser simples falta de dados
Não pode ser meramente indolência
Não pode ser culpa dos maus fados.

Terá de haver uma razão maior
Uma justificação superior
Para tanto erro, tanto engano,
Tanta deriva, tanta incompetência,
Tanta malquerença e tanto dano,
Tanto vogar contra a clara ciência.

Que ideias gerais nós nos fazemos?
Como se forma a nossa consciência?
Que educação e que decência
Acabamos por ter?
O que vemos, ao que chamamos ver,
Passa por que crivos de referência?
Cremos em quê, verdadeiramente?
Se cada um de nós fosse convidado
A abrir deveras sua mente,
Que lá se encontraria bem guardado?

Ouçamos falar, e abundantemente:
Tudo resumido, o que nos fica?
Decerto amálgama de factos sem sentido
Factos de quotidiano, banal ou dolorido,
Uma ou outra recordação feliz,
Muito de oitiva, muita televisão,
Pouco pensado além do nariz
Quanto feito pela própria mão
Além da labuta de alimentação?
Há sim alguns com excentricidades,
Mas constroem eles nossas cidades?

Pouco pensamos, mas mais, pouco vivemos
Além das vidas de pronto-a-viver,
Que nos sentimos obrigados, pelo menos,
A fingir que vivemos, sem nada querer.

Educação verdadeira exigiria
Em Casa, na Escola, na Comunicação,
Além de Cultura, de antemão,
Ferramenta de todo o cidadão,
Uma sábia e forte parceria
Do saber útil, literacia,
E dos dados da Sabedoria.

Antes de tudo, evitando os palpites,
Castigando os boatos venenosos,
Ultrapassando um saber de *hits*,
E espremendo discursos verbosos.

Estudai retórica e as suas leis,
Afinai pela lógica a racionalidade.
Sem rigor, jamais vós tereis
Qualquer vislumbre da pura Verdade.

Numa conversa, ainda que informal,
Não vez as falácias fulgurando
Um trincar de dados insinuando
Nenhum respeito pelo factual?

Além de perturbar mentes alheias
Difundindo ilusões e erros palmares,
Fica o mundo enleado em várias teias,
Exposto à sorte de todos os azares.

Resistência urge, ante o levantar
De ondas sonoras de erro altissonante:
Não são só os absurdos de pasmar,
É também o vício do pensar,
Mais discreto, mas sempre aberrante.

Discurso do método há pois que levar
Como bandeira e outros a seu lado
Formando a limpidez do razoar
E ver-se-á um dia o resultado.

Espírito crítico, rigor obstinado,
Outra não pode ser nossa pedagogia,
O mundo se veria consertado
Se o pensamento viesse a ser filtrado
Pela excelência dessa tecnologia.

A veemente afirmação da razão feita por Paulo Ferreira da Cunha nada tem que ver com “racionalismos” ou cientificismos, mas caminha *pari passu* com o reconhecimento de seus limites e do reconhecimento do caráter misterioso do mundo e do real, diante do qual nossa linguagem (tal como nosso conhecimento) é sempre insuficiente e nosso apetite pela Verdade deve se contentar em tê-la como ideal assintótico. Outra poesia emblemática nesse sentido:

APROXIMAÇÕES

As palavras rondam o castelo
Austero agreste esquivo da realidade
Corcéis selvagens ou de arreios d’oiro
Procuram portas grandes da Verdade.
Não as encontram. Fortaleza é selo
Fechado por dentro, qual tesoiro.
Mas sempre cirandam com desvelo.

Os olhares perscrutam esse Ser
Munem-se de lentes finas e sutis
Mas não alcançam desvendar ardis
Por muito empenho e escasso lazer
Que invistam para tudo compreender.

Ouvido à escuta, de tísico a atenção
O mais curto bulir seria detetado
Mas o castelo mudo está selado
Mudo se queda sem menor comoção.

Nenhum sentido nem o sexto alcança
desembrulhar a oclusão total
Desse monólito negro colossal
Cercado por cavalos numa dança
Rodopio incessante e infernal
Na procura da paz e da bonança
De entendimento cabal e final.

O sítio dura há milénios
Do nosso lado se almeja
Entender o 'stranho enigma
Mas a esfinge e seus génios
Ganham sempre essa peleja
E colhem outros o estigma.

Alguns da lide desertam
Melhor viver sem cuidado
Outros nela já despertam
P'ra demanda em outro lado.

Afinal, o desafio
É um treino sem o ser
P'ra tanto do que é viver
Esse castelo sombrio
É metáfora a sofrer.

Seguimos quarto de alerta
Montando turno de guarda
Sentinela de vanguarda
Sempre firme e bem desperta.

Mal vacile a fortaleza
Mal dê de vida um sinal
Cá estamos com certeza
Para a vitória final.
Entretanto, é a aspereza
Deste cerco mundanal.

Se o conhecimento humano é limitado pela excessiva luminosidade do real (Pieper), Ferreira da Cunha também mostra a limitação da vontade humana, que insiste em se enganar, imaginando-se totalmente ativa e independente:

OPUS

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce
Fernando Pessoa

A obra que alguém sonha
Deixar marco na materialidade
Não é já a obra que Deus quer
Não possui tal natura e qualidade.

A obra nasce por si, também tem querer.
Da vontade divina ao seu nascer
Vai infinito de estranho crescer.

Ademais, o que fazes, raramente
É o que tinhas em mente idealizado
Tudo fica no caminho maculado
E do teu labor o resultado
Da tua finitude se ressentido.

Assim, autoria em arte qualquer
É coisa muito a meias partilhada
Primo, com o que Deus quer;
Depois, por acidentes d'estrada.

Não vê o humano criador
Que sua obra era boa
A menos que o diga à toa...
Não fica nunca da cor,
Da forma, e nem já ressoa,
Como previsto, em rigor.

É muito aproximativo
O resultado alcançado
Deves ficar descansado
E deixa esse porte altivo.

És criador só a meias
Cocriador já é bom
Digo-to alto e bom som:
Nem imaginas as teias
Nunca acertarás o tom.

E

“ESPELHO MEU, ESPELHO MEU”

(...)
Certamente na maior parte
(ou totalidade, quem sabe?)
das situações
a força virá de fora.
E é tão determinante
Tão avassaladora
Que o títere humano
Em suas poderosas
Mãos
Nem adivinha
Que esse comando irresistível
Seu não é – mas alheio.
Ignoro completamente
Se esses impulsos
Que parecem ter coerência
Em cada caso
Correspondem a um urdido
Plano
Ou se são fortuitos
E gratuitos
(...)

Paulo Ferreira da Cunha é antes e acima de tudo um humanista (para os versados na psicologia de David Keirsey, um extraordinário ENFP, como João Sérgio Lauand mostra em estudo que se encontra em: <http://www.hottopos.com/isle41/JSLau.pdf>). Em sua poesia, uma e outra vez, o humano e a arte do encontro:

CANÇÃO DE ÂNIMO

(...)

Fugazes momentos de alegria,
De todos os mais belos,
são de Gentes
Com quem se esteve
Em comunhão de mentes
‘Inda que tempo breve.
E fusão d’Alma
Reteve o Indizível
Absoluto
Totalmente outro
Que o mundo fero e bruto.

Se acaso um dia apenas
Só um dia,
Que digo eu? – se apenas uma hora
Melhor – se um segundo só, que fosse,

Saboreaste
Nem tanto as glórias vãs
Deste mundo de aparência imensa,
Mas a suprema bênção
De te saberes compreendido
E acompanhado,
De teres um horizonte
E um projeto,
Uma razão de vida,
E companhia segura no caminho,

Não estás, pois, sozinho,
E na verdade
Provaste o pomo já
Da Felicidade.

E a exaltação da gente simples, das pessoas comuns...:

CARIMBOS & CAIXINHAS

(...)
Ainda e sempre acredito
Na enorme sabedoria
E sentido se sobrevivência
Das pessoas comuns
Na sua resistente existência quotidiana
(resiliente é horrível expressão alheia).
Resistente com honra e dignidade.
(...)

... tão maltratadas pela vida, como na genial citação, incisiva e pungente, da operária:

OLVIDADOS

(...)
Verás abundantes heróis
E anti-heróis de várias cores
Servos e senhores
Conquistadores e perdedores
Mas
O acendedor de chaminés
Do *Príncipezinho* ou *Pequeno Príncipe*
De St.- Exupéry
Não anda por aqui.
Esse está, pois não o vês,
Irremediavelmente sozinho.
“É toda uma vida
Sempre a virar frangos”
Como disse um dia

A operária ao político
Atónito.
É essa a vida normal
De muita gente afinal.
(...)

Como se diz no poema de abertura do livro, “Não estás seguro numa ponte”. Mas, em meio a tantas incertezas , pode haver consolação para quem sabe resistir a tempos de penúria:

CONSOLAÇÃO

Na confusão,
(Dizem que Cosmos)
Do Universo
Há momentos breves
Felizes e Fastos
Que transcendem
Ordem e Caos.
Mas são fugazes
Esses suspiros
De uma respiração
Paralela à do Mundo.
Sustém, pois, o fôlego.
Sente no âmago
Dos pulmões
Essa fonte sem fim
De Luz e Paz.
Se não voltares
A senti-la,
Olha que ao menos
A pudeste conhecer
Em tua vida breve.
Já não é nada mau.
Há quem nunca,
Mas nunca,
Tenha antevisto
Um tal Céu.
Paz!
Quem prova
Desse fruto
Adquire a Ciência
Do Mal e do Bem,
E não se afadiga,
Nem preocupa,
Nem maltrata,
Por pequenos
Nadas.
O Real,
O Verdadeiro,

Está muito além
Desse vão carreiro,
Dessa senda minúscula
E doméstica.
O Ser sabe-o;
O Ser lhe basta.

O resto é banalidade, dimensão lilliputeana:

DIMENSÃO
A grande discussão em Lilliput
Versava sobre o exato local
Por onde quebrar os ovos.
Uns opinavam dever ser
Pelo lado mais bojudo;
Outros obstinavam-se
Na defesa do oposto,
Mais delgado.
É uma polémica
À altura
Da própria dimensão
Dos lilliputeanos.
Jonathan Swift
Não iria esbanjar páginas
Das suas *Viagens de Gulliver*
Se com essa oposição,
Tão transcendente,
Não tivesse uma evidente
Atualista Intenção
Moral.

“Ponte Suspensa” é um vigoroso convite poético à elevação metafísica, à suspensão da tirania do embotamento da rotina do quotidiano, a um aguçamento do olhar, a reaprender a ver!

Recebido para publicação em 19-12-21; aceito em 22-12-21